

No. 5. 12660

Série de Notas sobre a Guerra

N.º 95

Proposta alemã
para restabelecer a escravatura negra

Col. 1

PUBLICADA PELO

Bureau da Imprensa Britânica em Lisboa



LISBOA

TYPOGRAPHIA DO ANNUARIO COMMERCIAL

Prça dos Restauradores, 24

1918

THE UNIVERSITY OF CHICAGO
LIBRARY



THE UNIVERSITY OF CHICAGO
LIBRARY

Proposta alemã para restabelecer a escravatura negra

Fez-se ultimamente na Alemanha uma proposta altamente importante para restabelecer nas colonias alemãs — se é que depois da guerra a Alemanha as tornar a ocupar — uma forma de escravatura. O autor da proposta é o dr. C. Ballod, professor de Berlim e um dos mais conhecidos economistas e estaticistas da Alemanha. As inovações daquele paiz são na maior parte obra dos professores, dos eruditos, que são adoptadas depois pelos homens praticos, os estadistas. Quando um homem da categoria de Ballod apresenta um projecto estudado, toma-se muito a serio; o que o professor diz hoje, põe-se em pratica amanhã. No outono de 1917, publicou Ballod na *Europäische Staats-und Wirtschafts Zeitung* — jornal politico e economico de leitura pesada, pouco conhecido fóra da Alemanha — um grande artigo tratando dos meios pelos quais a Alemanha poderia grangear grossas somas de dinheiro monopolisando certas industrias na Alemanha: esses monopolios estão hoje em operação. Arrematou o artigo com outra proposta pela qual se alcançaria outra quantia importante nas colonias alemãs. Eis o texto: «Hoje, que já triunfou na patria a ideia do dever de serviço nacio-

ual, ninguém ousará condenar como acto de extraordinaria crueldade a introdução duma lei impondo aos indigenas negros, homens e mulheres, o serviço obrigatorio durante tres ou quatro anos em vez do serviço militar. Essa medida, mesmo se obtivermos só as nossas antigas colonias, dar-nos-ha um milhão de individuos sujeitos ao serviço nacional que produzem algodão, sementes oleaginosas, etc., no valor de 1.000 milhões de marcos ao ano (50.000.000 de libras).» Era de opinião o autor que este serviço obrigatorio dos indigenas renderia uma soma igual á que daria o total do monopolio de tres das mais importantes industrias alemãs: nitratos, carvão e electricidade.

Ora, isto não passa duma proposta para restabelecer a escravatura. Nada tem que ver com o serviço nacional que um povo autonomo se impõe em tempo de guerra e pelo qual recebe vencimento. Os indigenas não teem voz no assunto e não serão pagos; serão obrigados a fazer o trabalho que os seus senhores alemães lhes quizerem impôr. A frase «ninguém ousará condená-lo» é duma insolencia inaudita. Toda a raça branca fóra da Alemanha condená-lo-ha. Desde longos anos para todos os povos á exclusão dum só, a escravatura é anátema; é tida como uma das abominações antigas que ficou aniquilada para todo o sempre. Porém os alemães diferem do resto do mundo. Puzeram em pratica durante a guerra uma especie de escravatura, deportando á força e aos milhares homens e mulheres de raça branca, saídos da Belgica e da França.

da Polónia e da Lituânia. Se na Europa ousaram pôr em pratica os actos cruéis que todos conhecem, pode-se contar que não hesitarão um instante sequer em restabelecer a escravatura na Africa e nas Ilhas do Pacifico se lhes parecer que deste modo poderão lucrar.

Os tratos cruéis que a Alemanha inflingiu aos indigenas africanos fazem parte da historia e constituem o motivo pelo qual os povos das nações aliadas veriam com repugnancia e horror qualquer proposta para restituir á Alemanha as suas antigas colonias. O ministro colonial alemão, dr. Solf, referiu-se a esse modo de sentir numa preleção feita em 21 de dezembro de 1917. E' interessante confrontar o que disse Solf, sabendo que as suas palavras se espalhariam pelo mundo, com o que escreveu Ballod só para os olhos dos alemães. Solf, querendo deitar poeira nos olhos de todos, empregou uma linguagem suave, conciliadora. Parecia-lhe que a Alemanha deveria ter um quinhão maior das terras de Africa por ela saber respeitar as leis da humanidade — como provou exterminando os Hereros. Segundo ele, a Alemanha trata muito bem os indigenas e é por isso que eles lhe testemunham tanta dedicação na guerra. O que na verdade aconteceu (disso temos o testemunho comprovado que publicou o Governo britânico do que succedeu nos Kameruns) é que a Alemanha ganhou a boa vontade das tropas indigenas tiradas de certas tribus guerreiras, permitindo-lhes toda a casta de licença; não resta duvida que houve guerreiros destes que apoiaram os ale-

mães porque lhes era permitido assassinar, raptar e roubar á vontade os outros habitantes dos distritos. Solf disse tambem que «a consciencia alemã requer que os indigenas tenham direitos pessoais, que sejam sempre considerados pelas raças dotadas de maior desenvolvimento como um fim e não como meio para se atingir um fim». Não sabemos se existe uma consciencia alemã, porém sabemos da existencia desta proposta alemã para tratar os indigenas como meio para atingir um fim, como meio de angariar pelo serviço obrigatorio somas enormes para os seus senhores. Não admira que Solf peça maior quantidade de territorio; quanto mais numerosos são os indigenas, tanto maior será o espolio recolhido pela Alemanha.

Faremos mais uma citação. A realisarem-se as reclamações da Alemanha, teremos, como diz Solf, «as condições necessarias para levar a efeito um desenvolvimento na Africa que trará a felicidade aos seus habitantes...; serão conduzidos pelo trabalho paciente da educação á luz da nossa Kultur material». Eis como falam os alemães para o mundo os ouvir; porém, como se vê, não falam assim quando o auditorio é só alemão. Bonitas palavras nada custam; o que nos interessa mais são as suas propostas sérias, visando o futuro. A felicidade que oferecem ás raças africanas, caso a Alemanha recupere as suas colonias em Africa, é o serviço obrigatorio para homens e mulheres sob a verdasca dos seus opressores alemães. Em linguagem clara: a escravatura.